

Do diálogo para o diálogo: o início do movimento adventista do sétimo dia e sua participação em diálogos interdenominacionais

From dialogue to dialogue: the beginning of seventh-day adventist movement and its environment on interdenominational dialogues

Douglas de Souza Reis¹

Resumo

Na efervescência do cenário religioso da América do Norte protestante no século XIX, o experimentalismo proporcionado por movimentos revivacionistas deu origem a diversos segmentos cristãos, entre os quais alguns se consolidaram como denominações, permanecendo até a contemporaneidade. O adventismo do sétimo dia, uma das facções do movimento interdenominacional conhecido como milerismo, surgiu como expressão do restauracionismo, propondo retorno radical à Bíblia. Seu início foi marcado pela tendência de evitar a organização formal, seguindo a máxima do milerita George Storrs, segundo quem, ao se organizar, um grupo religioso se tornava Babilônia. Entretanto, uma década após seu surgimento, nota-se o estabelecimento de um corpo doutrinário definido e alguns passos importantes rumo à organização, processo que culmina em 1861 com a escolha do nome Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em suas primeiras décadas, os adventistas sabbatistas permaneceram em diálogo com grupos afins, como demais epígonos do milerismo e os batistas do sétimo dia – enquanto outros intercâmbios se davam de maneira polêmica. Tão somente em meados do século seguinte, os adventistas dialogariam com o mundo evangélico, resultando na publicação do controverso material *Questions on doctrine*. A partir de então, outros diálogos interdenominacionais ocorreram, confirmando a vocação do movimento para interagir como o mundo cristão em geral.

Palavras-chave

Adventismo. Milerismo. Diálogo interdenominacional.

Abstract

In the effervescence of the religious scene of protestant America in the nineteenth century, the experimentalism provided by revivalist movements gave rise to several Christian segments, among which some were consolidated as denominations, remaining until the contemporaneity. Seventh-day adventism, one of the factions of the interdenominational movement known as millerism, emerged as an expression of restorationism, proposing a radical return to the Bible. Its beginning was marked by the tendency to avoid formal organization, following the maxim of the millerite George Storrs, according to whom, when organized, a religious group became Babylon. However, a decade after its emergence, it is noticeable the establishment of a defined doctrinal body and some important steps towards organization, a process culminating in 1861 with the choice of the name Seventh-day Adventist Church. In its first decades, sabbatarian adventists remained in dialogue with similar groups, such as other epigones of the millerism and the baptists of the seventh-day – while other exchanges were polemical. Only in the middle of the following century, adventists would dialogue with the evangelical world, resulting in the publication of the controversial *Questions on doctrine*. From then on, other interdenominational dialogues.

Keywords

Adventism. Millerism. Interdenominational dialogue.

¹ Mestrando em Teologia na Universidad Adventista del Plata (UAP). Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Capelão da Escola Adventista de Araucária. Contato: pr.douglasreis@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Sempre quando se toca em diálogo religioso, é usual imaginar que iniciativas desse tipo partam de grupos ditos liberais ou, ao menos, imbuídos do espírito liberalista que acomete o *ethos* religioso do século XXI. Aparentemente, estariam excluídos dessa prática – melhor dizendo, se excluiriam – aqueles grupos da vertente fundamentalista, a quem se atribui uma radicalidade que os faz tão senhores de sua própria razão religiosa a ponto de desconsiderar oportunidades para conversar com ideias contrárias, ainda que, em muitos casos, a contrariedade se dê em alguns poucos pontos, aparentemente idiossincráticos e irrelevantes para quem quer que esteja do lado de fora da questão. Portanto, os fundamentalistas seriam o ponto fora da curva da tendência ao diálogo que se vê nos grandes grupos religiosos. Imaginar que fundamentalistas se permitam dialogar, mesmo que mantendo sua identidade impermutável, diante das eventuais trocas de experiências, incólumes a influências alienígenas, parece apostar alto demais; entretanto, essa possibilidade existe, se conceituarmos os fundamentalistas não como radicais em potencial, mas, como o próprio conceito original sugere, aqueles que estejam simplesmente ocupados em preservar os fundamentos de sua própria crença – sem que, nesse processo, ignorem a relevância do diálogo.

Os adventistas do sétimo dia, movimento protestante surgido em meados do século XIX, conhecido por crenças peculiares, se enquadra na categoria fundamentalista – embora, historicamente, tenha se vinculado ao fundamentalismo em alguns de seus pontos básicos, mantendo seu entendimento próprio quanto a assuntos divergentes. Como epígonos do movimento milerita, os adventistas herdaram a disposição de se fechar ao diálogo com seus pares, especialmente devido à crença na “porta fechada”. Esse conceito sobreviveu até o início da década de 1850. Superado esse entrave original, ao longo de sua existência, os adventistas se caracterizaram pela experiência de retomada do diálogo em relação a outras comunidades religiosas, o que se deu de forma gradual e nem sempre sem evitar polêmicas.

O presente trabalho se ocupará em revisar o que denominamos ciclos de diálogos, em espirais que se iniciam com o próprio milerismo e avançam em seu dinamismo e complexidade ao seio do adventismo do sétimo dia. Para tanto, preferimos lidar com conceitos históricos ao invés de descrições mais elaboradas, que pediriam mais tempo e espaço para que se lhes fizesse jus. Conforme pretendemos demonstrar, a participação em diálogos interdenominacionais não afetou a forma como os adventistas entendem sua identidade e missão, as quais, aliás, ganham uma repercussão mais dilatada, sendo compartilhadas com um novo público.

1 NASCIDOS DO DIÁLOGO

Nessa seção, trataremos do movimento milerita, iniciado com a pregação de William Miller, de ascendência batista e sua progressão, de movimento aberto ao diálogo a um movimento sectário, praticamente monologando em sua fase derradeira.

1.1 Diálogo fluente

O movimento milerita se iniciou com a pregação de William Miller, a partir de 1831 (KNIGHT, 2010, p. 36–37). A participação de Miller na Guerra Anglo-Americana (1812-1815) o fez questionar sua posição deísta, a qual ele mantivera por doze anos (DOAN, 1993, p. 119). Novamente convertido, ele estuda a Bíblia comparativa e exaustivamente de 1816 a 1818 (KNIGHT, 2004, p. 14), objetivando uma compreensão cronológica e harmoniosa das profecias bíblicas (PÖELER, 1995, p. 153). Sua hermenêutica se adequava à tradição protestante (DAMSTEEGT, 1977, p. 17) e, à semelhança de outros intérpretes evangélicos de outrora (FROOM, 1954, p. 204), Miller se concentrou na profecia sobre a purificação do santuário (Dn 8:14); isso o conduziu à conclusão de que Jesus retornaria ao planeta (o santuário a ser purificado) em torno de 1843 (TIMM, 2009, p. 27). Para se certificar da acuidade de seus cálculos proféticos, Miller se dedicou a rever possíveis objeções à sua interpretação entre 1818 e 1823 (KNIGHT, 2010, p. 35).

Após muita relutância, Miller sentiu-se compelido por Deus a anunciar publicamente suas descobertas, o que realizou por meio da pregação, mas igualmente pela imprensa, sendo sua primeira incursão – ainda anônima – uma série de artigos publicados em 15 de maio de 1832 no *Vermont Telegraph* (KNIGHT, 2010, p. 36-37). De pronto, o movimento milerita foi identificado como elemento potencialmente revitalizador da tradição evangélica, a exemplo do Segundo Grande Reavivamento (DOAN, 1993, p. 17; KNIGHT, 2010, p. 19), embora o método evangelístico de Miller fosse mais cerebral do que propriamente emotivo, a exemplo dos reavivamentistas (KNIGHT, 2006, p. 33). Devido a parceria com Joshua Himes, a mensagem do segundo advento ganhou importante ferramenta – a imprensa, especialmente com a publicação do periódico *Sign of Times*, o que favoreceu que o movimento se expandisse às cidades (HATCH, 1989, p. 145). Outro famoso periódico milerita surgido no início da década de 1840 foi *Midnight Cry* (TIMM, 2009, p. 18–19).

Em sua fase inicial, o milerismo se caracterizou como movimento interdenominacional, atraindo ministros religiosos de diversas confissões protestantes, os quais se uniram para anunciar a volta iminente de Jesus, sem se preocupar com qualquer outra doutrina fora essa esperança comum. O diálogo fluía em função do estudo das profecias, alvo de grande interesse por parte dos cristãos protestantes, especialmente no contexto norte-americano.

1.2 Diálogo truncado

Após notável repercussão, o milerismo conhece seu crepúsculo dramático, fase que se inicia quando, de maio de 1842 a abril de 1844, o elemento tempo passa a ser o principal interesse do movimento (KNIGHT, 2010, p. 108). O recrudescimento de sua ênfase supernaturalista leva o cristianismo evangélico a se opor aos mileritas (DOAN, p. 102). Há de se destacar que a maioria dos protestantes norte-americanos defendiam o pós-milenialismo, posição que se adequava ao

progresso americano, entendido como início do milênio de paz anterior ao retorno de Jesus à Terra, o que contrastava com a posição pré-milenialista de Miller (KNIGHT, 2010, p. 120).

A tensão gerada atingiu seu ápice quando os mileritas contra-atacaram as pressões das denominações protestantes, as quais exigiam que seus membros optassem entre sua confissão e a adesão ao movimento adventista-milerita: Charles Fitch, ministro milerita, pregou seu mais afamado sermão em julho de 1843, denunciando as igrejas evangélicas como a Babilônia mística (Ap 18:1-4; 14:8), acusação tradicionalmente dirigida pelos protestantes à Igreja Católica Romana. Com a massificação da mensagem, repercutida em dezenas de periódicos mileritas, estima-se que um número próximo a 50 mil mileritas deixaram suas denominações religiosas de origem (KNIGHT, 2010, p. 94, 129–134). Nessa segunda fase, torna-se evidente o caráter sectário do milerismo (LINDÉN, 1978, p. 54).

1.3 Diálogo fechado

Ao todo, os mileritas sofreram simultâneos desapontamentos: março de 1844, depois 18 de abril de 1844 e, aquele que exerceu maior impacto, o fatídico 22 de outubro de 1844. Enquanto os dois primeiros períodos anunciados para o retorno de Jesus não tratavam de dias específicos, o que amenizou a frustração sentida pelos fiéis (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 47), a data de 22 de outubro causou imensa comoção. Impulsionada pela mensagem de Samuel Snow em Exeter, New Hampshire (KNIGHT, 2010, p. 159–160), o movimento do sétimo mês ganharam um resumo no periódico *True Midnight Cry* (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 48-49), contando com a anuência de Miller e Himes apenas em 6 de outubro de 1844 (KNIGHT, 2010, p. 172).

A terrível experiência do desapontamento levou o grupo de mileritas a um fracionamento, com grupos divergentes lutando para absorverem o sentido daquela dolorosa decepção. Em relação com a parábola das dez virgens, os autores mileritas entendiam que a demora consistia em algum tipo de prova e que eles desempenhavam um papel relevante no fim da história (DAMSTEEGT, 1977, p. 98). Isso serviu de estopim para a elaboração do conceito de porta fechada, ainda em 1840, retomado pelos mileritas Apollos Hale e Joseph Turner (janeiro de 1845) e aplicados à data de 22 de outubro de 1844 (KNIGHT, 2010, p. 200), restringindo, desse modo, a oportunidade de salvação àqueles que participaram do movimento do sétimo mês (DAMSTEEGT, 1977, p. 106; LINDÉN, 1978, p. 86). Outrossim, chegamos ao fim do ciclo milerita, de abertura, passando a tensão e culminando com uma espécie de monólogo.

2 NASCIDOS PARA DIALOGAR

Nessa seção, abordaremos o movimento adventista sabatista, epígono do milerismo, em sua jornada, de movimento fechado ao diálogo mais amplo a um movimento que,

gradativamente, amadurece para um diálogo que lhe permita conhecer outros movimentos e, simultaneamente, oportuniza a apresentação de sua identidade e missão

2.1 Diálogo fechado

Após a desestruturação do milerismo, ocorrida em virtude do desapontamento sofrido em 22 de outubro de 1844, um grupo de crentes se agarra a ideia de Hiran Edson, que compreendeu que o santuário a ser purificado (Dn 8:14) consistia no santuário celestial, levando-os a um reexame não só da compreensão profética, mas à construção de um sistema doutrinal integrado (VYHMEISTER, 2011, p. 2–5), o que foi realizada entre 1844 e 1850 (TIMM, 2009, p. 90). Crucial para esse processo de formação identitário foi o diálogo: ocorreram reuniões, chamadas de conferências sabáticas (ou *Conferências sobre o Sábado e o Santuário*), situadas na região nordeste dos Estados Unidos, entre 1848 e 1850 (MOON, 2012, p. 114–115). Por meio do diálogo com pessoas originárias de confissões cristãs completamente diversas, com quase nada em comum, exceto a esperança do breve retorno de Jesus à Terra, estabeleceu-se o que o grupo viria a denominar “verdade presente” – um conjunto de verdades bíblicas integradas, cuja compreensão era progressiva e dinâmica, sujeita a nossos entendimentos (KNIGHT, 2006, p. 11–12).

Todavia, merece menção o fato de que apenas os ex-mileritas estavam envolvidos nesses diálogos que formariam o grupo, o qual, posteriormente, adotaria a nomenclatura de Igreja Adventista do Sétimo Dia (em 1861). Até início da década de 1850, os adventistas mantinham a crença na porta fechada, herança milerita, o que os levava a crer que somente participantes do movimento sétimo mês – aqueles que esperaram Jesus e sofreram o desapontamento em 22 de outubro de 1844 – poderiam receber a mensagem de salvação.

2.2 Diálogo truncado

Ellen G. White, pioneira adventista e voz profética do movimento, foi quem primeiro afirmou, ainda em 1853, que a missão dos adventistas sabatistas possuía relevância para o mundo inteiro (DAMSTEEGT, 1977, p. 280). A incompatibilidade da missão com o conceito de porta fechada acabou levando a rejeição do conceito (DAMSTEEGT, 1977, p. 161). Outro fator que contribuiu para o fim da porta fechada foi ter John N. Andrews realizado extensa exposição sobre a possibilidade de perdão em conexão com a doutrina do santuário celestial (DAMSTEEGT, 1977, p. 171).

A partir desse ponto, os adventistas voltaram a manter diálogo com demais grupos religiosos, especialmente com os batistas do sétimo dia que, mesmo antes da adoção de uma nomenclatura oficial, referiam-se ao grupo de ex-mileritas como “povo do advento do sétimo dia” (DAMSTEEGT, 1977, p. 254). Ainda assim, os adventistas mantinham a interpretação milerita sobre Babilônia, o que os distanciou de qualquer iniciativa ecumênica, além de preservá-los como um corpo religioso distinto (DAMSTEEGT, 1977, p. 189).

A situação não teve muitas variações, até fins da década de 1950, quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia se abre para um controvertido diálogo com Walter R. Martin, especialista em cultos e seitas, e Donald Grey Barnhouse, editor da revista *Eternity*, a mais popular publicação evangélica da época (NAM, 2005, p. IX). Tudo ocorreu por conta de uma carta enviada por T. Edgar Unruh, presidente da Associação² East Pennsylvania da Igreja Adventista do Sétimo Dia a Martin, que lhe chamou a atenção ao mencionar que os adventistas também acreditavam em justificação pela fé e por conter o livro *Steps to Christ*, justamente a literatura adventista que melhor trata sobre o assunto (NAM, 2005, p. 48-49). No desdobramento da história, ocorreram diversos encontros, envolvendo Martin e Barnhouse e líderes e teólogos adventistas (sobretudo Roy A. Anderson e Le Roy Froom) – 8 a 10 de março de 1955; 17 de março de 1955; 11 a 12 de abril de 1955; 25 a 26 de agosto de 1955; 2 a 3 e 6 de fevereiro de 1956; maio de 1956 (NAM, 2005, p. 51–85).

Como resultado da série de encontros, foi publicado o livro *Seventh-day adventists answer question on doctrines* (SEVENTH..., 1957), que gerou inúmeras discussões entre os próprios adventistas sobre como o movimento foi retratado pela própria liderança do movimento, especialmente pela tentativa de aproximação quanto às crenças em comum.³

2.3 Diálogo fluente

No quesito diálogos interdenominacionais o movimento adventista atinge sua maturidade ao manter suas crenças distintivas, enquanto se vale das oportunidades para se encontrar com outros grupos e compartilhar seus diferentes pontos de vista (BEACH; OPPEGAARD, 2000, p. 5). A maior prova disso está no diálogo mantido com a Igreja luterana, ao longo de quatro anos. A consulta se deu em Darmstadt, Alemanha, entre 1º a 5 de novembro de 1994 e teve por objetivos principais (a) promover um melhor entendimento mútuo; (b) derrubar estereótipos falsos; (c) descobrir as bases de cada crença; (d) descobrir pontos de tensão reais ou fictícios (BEACH; OPPEGAARD, 2000, p. 6).

Após o encontro inicial, foram marcadas mais três sessões. A primeira sessão, entre 17 e 21 de junho de 1996, realizada em Mississauga, Canadá, tratou sobre justificação pela fé e a relação entre a lei e o evangelho; a segunda sessão, entre 1º a 6 de junho de 1997, realizada em Jongny, Suíça, versou sobre eclesiologia e autoridade da Igreja; a última sessão, entre 10 e 16 de maio de 1998, ocorrida em Cantigny, Suíça, tratou discutiu sobre escatologia (BEACH; OPPEGAARD, 2000, p. 6-7).

² A Igreja Adventista do Sétimo Dia denomina associação o conjunto de igrejas locais pertencentes a determinada geografia.

³ A crítica teológica mais recente ao material se encontra em Canale (2010).

CONCLUSÃO

Partindo da herança milerita, movimento que partiu de participação colaborativa entre grupos protestantes norte-americanos e culminou em uma fase de isolamento temporário, os adventistas sabatistas permaneceram alguns anos ainda reféns da porta fechada, interagindo restritamente com mileritas que, como eles, experimentaram as agruras do desapontamento.

Na história do movimento adventista, a maturidade fez conjugar a relação nem sempre fácil de equilibrar entre identidade e diálogo, abertura ao entendimento e consciência de chamado profético. Embora permaneça um movimento fiel à sua vocação apocalíptica, o adventismo do sétimo dia vem desempenhando importantes participações em diálogos interdenominacionais, aprendendo a compartilhar suas crenças bíblicas em quaisquer contextos. ✨

REFERÊNCIAS

BEACH, Bert B.; OPPEGAARD, Sven G. Adventists and luterans in conversation 1994-1998: report of the bilateral conversations between the Lutheran World Federation and the Seventh-day Adventist Church. In: BEACH, Bert B.; OPPEGAARD, Sven G. **Lutherans and adventists in conversation: report and papers presented 1994-1998**. Genebra: The Lutheran World Federation; Silver Spring: General Conference of Seventh-day Adventists, 2000. p. 5-23.

CANALE, Fernando. The eclipse of Scriptura and the protestantization of the adventist mind. Part 1: the assumed compatibility of adventism with evangelical theology and ministerial practices. **Journal of the Adventist Theological Society**, Collegedale, v. 21, n. 2, p. 133-165, set./dez. 2010.

DAMSTEEGT, Peter G. **Foundations of the seventh-day adventist message and mission**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1977.

DOAN, Ruth A. Millerism and evangelical culture. In: NUMBERS, Ronald L.; BUTLER, Jonathan M. **The disappointed: millerism and milleniarism in the nineteenth century**. Knoxville: University of Tennessee Press, 1993.

FROOM, LeRoy E. **The prophetic faith of our fathers**. The historical development of prophetic interpretation. New world recovery and consummation of prophetic interpretation. Washington: Review and Herald, 1954. v. 4

HATCH, Nathan O. **The democratization of American christianity**. New Haven: Yale University Press, 1989.

KNIGHT, George R. **A brief history of seventh-day adventists**. 2. ed. Hagerstown: Review and Herald, 2004.

_____. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia**. Tatuf: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

_____. **William Miller and the rise of adventism**. Nampa: Pacific Press, 2010.

LINDÉN, Ingemar. **The last trump: an historico-genetical study of some important chapters in the making and development of the Seventh-day Adventist Church**. Las Vegas: Peter Lang, 1978.

Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

MOON, Jerry. O papel de Ellen G. White no desenvolvimento das doutrinas da IASD. In: STENCEL, Renato. **Espírito de Profecia: orientações para a Igreja remanescente**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2012.

NAM, Juhyeok. **Reactions to the seventh-day adventist evangelical conferences and Questions on doctrine: 1955-1971**. 2005, 409 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, 2005.

PÖELER, Rolf. J. **Change in seventh-day adventist theology: a study of the problem of doctrinal development**. 1993. Tese (Doutorado em Teologia) – Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, 1995.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portatores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.

SEVENTH-day adventists answer questions on doctrine. An explanation of certain major aspects of seventh-day adventist belief. Washington: Review and Herald, 1957.

TIMM, Alberto R. **O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas**. 5. ed. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.

VYHMEISTER, Nancy J. Quem são os adventistas do sétimo dia? In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de teologia: adventista do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.